

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



2

Entrevista com

GEORGES BERTIN

Entrevista e tradução: Roberta Coelho Barros¹



Sociólogo, antropólogo, doutor em Ciências da Educação, Georges Bertin pesquisa as questões que envolvem o imaginário, os mitos, o simbolismo e a antropologia do esoterismo. É diretor de pesquisas em Ciências Sociais do CNAM Pays-de-la-Loire e dirige em Angers e em Mans o Ciclo de Pesquisas Antropológicas sobre o Imaginário (CRAI), o qual fundou em 1992. Presidente fundador da associação CENA em 1973, da qual é hoje presidente em exercício, também exerce, desde 2006, o cargo de diretor executivo da revista internacional de sociologia *Esprit Critique*.

O pesquisador participou do XI Seminário Internacional da Comunicação

Sessões do Imaginário: O Imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem, num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

Georges Bertin: Acredito que seja uma relação bi-vetorizada, na medida em que o imaginário entra em contato com a realidade, por exemplo, as tecnologias ou os meios de comunicação de massa, mas também a vida social de modo geral, ou a cultura, por intermédio de uma formação que está na intersecção entre imaginário e realidade, que se chama símbolo. O caminho simbólico. Gilbert Durand define este encontro como trajeto antropológico. Ou seja, a

na PUCRS, em 2011, com a palestra “*Antropologia do Imaginário e Estruturas da Comunicação: abordagens cruzadas*”, na qual estabelece uma convergência entre as posturas reflexivas de François Rabelais e Marshall McLuhan a respeito do papel das mídias e das rupturas do sentido da comunicação induzidas pelas estruturas sociais, e as reflexões propostas por autores modernos e pós-modernos, interessados pelas rupturas de significações imaginárias sociais, como Régis Debray, Manuel Castells, Cornélius Castoriadis e Michel Maffesoli, de forma a questionar o sentido desta Nova Era da comunicação que hoje se apresenta sob nossos olhos e em nossas vidas.

questão da primazia de um sobre o outro não se coloca, pois o cursor se desloca sem parar entre o pólo do imaginário e o pólo da realidade, e porque em todos os momentos de nossa vida, ou de acordo com as circunstâncias às quais somos confrontados, nós simbolizamos de forma diferente. Às vezes, damos mais importância a nossas pulsões subjetivas, por exemplo, o imaginário pessoal; às vezes, aos mitos, ao imaginário cultural e, às vezes, também somos obrigados a dar conta da realidade social.

SI: Como pensar imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu

espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experienciar o mundo?

GB: Acredito que nossa relação com a imagem está mudando. Tivemos todo um período, situado aproximadamente no fim do século II, em uma civilização que foi iconoclasta, ou seja, que deixou de ver a imagem como suporte primordial do pensamento. Todas as filosofias da imagem desapareceram para dar lugar a filosofias mais objetivas. São Tomás de Aquino, por exemplo, pode ser o grande centro, de certa forma, ele teve um pensamento simbólico que foi destruído em privilégio de um pensamento estruturalista incentivado por motivos racionais. E nós revivemos hoje, e já data de mais de um século - Freud foi o primeiro a revalorizar a imagem com a ciência dos sonhos – a prevalência da imagem, salvo que hoje nós não estamos mais em uma oposição entre imagem e texto, mas em uma complementaridade, ou seja, a imagem contribui com o texto e vice-versa. Mas isso acontecia desde o segundo século de nossa era, por exemplo, quando saíram da civilização totalmente oral, os gregos começaram a escrever o nome dos deuses nas estátuas, enquanto as pessoas antes disso já os reconheciam somente por seus atributos. E nós revivemos no fundo em recorrência o que já foi vivido entre o oitavo e o quarto século antes de Jesus Cristo.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos, como coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

GB: É um problema efetivamente muito real, pois o excesso de imagens pode matar o imaginário. Pode provocar um espalhamento, uma desconcentração do objeto. A imagem,

no meu ponto de vista, só tem sentido quando ela permite simbolizar, ou seja, religar o real e o imaginário entre eles, e entrar em ressonância profunda com ela. Enquanto as pessoas, principalmente as crianças e as gerações mais jovens são submetidas a um bombardeamento de imagens, elas acabam passando de uma à outra sem fazer verdadeiramente uma relação com suas próprias vidas ou com as situações sociais das quais elas dão conta, é uma grande dificuldade.

SI: Você acredita que essa quantidade de imagens seja um problema? Absorve-se tudo ou existem coisas que se deixa passar?

GB: Com certeza deixamos passar várias coisas. O problema não é tanto a quantidade, porque podemos sempre, a partir de um grande número de imagens, de uma diversidade de imagens, encontrar arquétipos fundamentais. O problema é talvez a educação que temos a fazer. É um papel daqueles que trabalham com comunicação, com educação, de todos aqueles que se interessam, de alguma forma, pela pedagogia, seja no domínio da cultura, da educação, da ciência, do jornalismo, é seu papel educar as pessoas para melhor aproveitarem sua relação com a imagem. Não serem seus escravos, ou seja ter uma posição crítica sobre a imagem. Para mim, do ponto de vista da antropologia do imaginário, a posição é de reencontrar aquilo que simboliza, aquilo que faz sentido, que dá sentido à nossa vida nas imagens, para evitar justamente nesta proliferação uma explosão desta personalidade.

SI: Você acredita que isto aconteça? Que as pessoas aprendam a ver as imagens, existe esta educação?

GB: Eu gostaria que existisse. Existem movimentos pedagógicos, como os movimentos

de educação popular na Europa, que trabalham isso, assim como as faculdades, as universidades que procuram dar senso crítico às pessoas. Mas é verdade que eles devem enfrentar um inimigo poderoso, que é sistema capitalista, que coloca o lucro antes da imagem de certa forma. Eles querem o máximo de imagens para provocar esse apetite por imagens que faz com que as pessoas não estejam satisfeitas com as imagens que recebem e vão procurar outras. Então, o problema não é realmente a novidade, é a profundidade e o sentido.

SI: E você acredita que exista diferenças em relações aos países, como na França, nos Estados Unidos ou no Brasil? A relação com as imagens acontece de forma diferente?

GB: Eu acho que o sistema capitalista hoje é global, é internacional e se impõe a todos da mesma maneira. A imagem do McDonald's está presente em todo lugar, assim como a da Coca-Cola. Agora é verdade que existem sociedades mais ou menos alfabetizadas do ponto de vista da imagem. É que as sociedades que guardaram um vínculo – eu vou dizer algo que talvez vá lhe chocar – que mantiveram um vínculo com a religião, não como uma escravidão a uma crença ou a alguém, mas como capacidade de se religar, são mais suscetíveis a ter uma relação positiva com a imagem que as sociedades que são completamente materialistas. É esta espiritualidade, no sentido amplo da palavra, que vai dar sentido à imagem. A capacidade de ter um espírito e de utilizá-lo.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

GB: Bem, como todas as coisas, como a língua

dos homens, é a pior e a melhor das coisas. Esopo, que foi um poeta e fabulista grego do século IV, dizia que a língua podia ser ao mesmo tempo a pior das coisas - pois poderia servir para destruir alguém, com a difamação - mas podia também ser a melhor, pela relação que conseguia estabelecer entre as pessoas, criando o laço social. Eu acho que deste ponto de vista a situação é a mesma, multiplicamos as línguas, multiplicamos os suportes de comunicação, mas no fundo tudo depende da maneira como os utilizamos e do sentido que somos capazes de lhes dar. Isso remete à questão anterior, será que somos capazes de colocar espírito naquilo que fazemos? Ou será que, ao contrário, somos passivos e submissos aos determinantes materiais?

SI: Uma vez que a evolução tecnológica propiciou que tenhamos hoje meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores), seriam eles ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa antigamente? Na sua visão, em que medida e de que forma é o papel deles como “extensões do homem”?

GB: É uma questão que hoje é estudada principalmente por filósofos, porque supõe uma reflexão ética, sobre essas extensões, sobre o uso que é feito delas. É que o homem de certa forma não se desumaniza porque ele tem extensões, tudo depende do uso que ele faz delas. Agora é verdade que as novas tecnologias da informação e da comunicação também são formidáveis adjuvantes da humanidade na medida em que permitem uma ligação instantânea com qualquer pessoa que se encontre do outro lado do mundo, e assim melhor praticar a tolerância, o diálogo intercultural, a troca de ideias e isso é algo muito positivo, e que as civilizações precedentes não

conheceram, pois elas estavam confinadas, cada uma em sua terra, em seus dogmas, em seus corpus. Elas tinham dificuldade em se comunicar uns com os outros, vocês aqui no Brasil viram bem o que aconteceu com os primeiros europeus – portugueses, espanhóis – que chegaram aqui, eles encontraram civilizações que eles não conheciam e ficaram na total ignorância, seja por considerarem que aquelas pessoas não eram humanos ou por colocarem a cruz e a espada diante deles – melhor começar por exterminar antes de conversar. Então, hoje a proliferação da informação que temos quando sabemos nos ligar a outras sociedades, a outras civilizações ou a outros grupos sociais, nos permite reduzir nossos preconceitos. Deste ponto de vista é algo muito positivo.

Notas

1- Doutoranda em Comunicação Social - PUCRS.
Professora do curso de Design Gráfico, Centro de Artes - UFPel.

Email: robertabarros@gmail.com